

Tema: Estrutura versus conhecimento no universo não branco: Uma breve revisão histórico-antropológico da negação do racismo e conhecimento.

Wilson Sanca

Palavras-Chave: Racismo, estruturalismo, identidade.

Introdução

O presente trabalho tem como foco fazer uma discussão histórico-antropológico, revisitando alguns conceitos, e temas que ao nosso ver merecem ser pautado nas discussões acadêmicas. É verdade, diversos autores já colocaram isso em discussão, mas aqui gostaríamos de tecer algumas coisas adicionais, justamente para pensarmos juntos porque academia ela também é um espaço de luta de narrativas e de disputa política e se é assim, também ela é um espaço de luta pelo poder. Portanto, aqui o que pretendemos fazer é mostrar que muitas vezes, as discussões são desvirtuadas e manipuladas para quem detêm o poder. Para isso, nosso trabalho é uma espécie de reforçar uma chamada de atenção dessa negação do racismo, do silenciamento das vozes e do conhecimento e da própria história. Porque durante décadas se não séculos desconfiaram e ainda desconfiam das nossas produções acadêmicas, Lélia Gonzales (2020), vai demonstrar isso com muita ênfase no seu livro (“racismo e sexismo no Brasil”. Rediscutir e demonstrar que o conhecimento como seu todo em especial na academia, não existe o seu detentor, muito embora minimizam o conhecimento endógeno, em detrimento do saber ocidental. Também trarei algumas questões específicas sobre mim e da minha família justamente para amarrar o debate em torno desta temática. Devo deixar claro que os autores que trarei aqui, aliás de uma certa forma já estou trazendo é demonstrar a sua importância no entendimento ou compreensão das discussões da disciplina: “seminários avançados em pesquisa doutoral I”, ministrado pelo professor Luis Felipe Kojima Hirano, mas também como essas leituras me ajudaram a entender com mais profundidade os debates aqui postos. Aqui faço questão de registrar e apontar esses aspectos que de certa maneira me ajudou bastante na construção desse trabalho.

O trabalho está dividido em três partes. Primeira parte falo de maneira resumida sobre mim, e Guiné-Bissau, meu país. Muito embora trarei ainda algumas questões ao longo do texto. Nessa primeira parte também faço questão de trazer pontualmente algumas questões identitárias, demonstrando que há diversos autores que discutiram esse tema, mas que em síntese não aprofundei nesse debate. A segunda parte faço mais uma

discussão geral, começando a discussão sobre estruturalismo, trazendo autores que discutimos ao longo do semestre, e outros debates como racismo, discriminação racial e de gênero etc. Na terceira parte fiz umas considerações finais demonstrando, portanto, que o texto está aberto para melhorar, aliás já aqui na introdução, estou especificado isso de uma forma clara.

Guiné-Bissau e alguns problemas pendentes: o caso da etnicidade/identidade étnica.

A Guiné-Bissau é um país multilíngue, multiétnico e multicultural, situada na costa ocidental da África, faz fronteira ao norte com Senegal e ao sudeste com a República de Guiné Conacri e ao sul e ao oeste com o oceano atlântico. Administrativamente está dividido em oito regiões, além de Bissau, capital e trinta e seis setores. O clima do país é tropical entre o quente e o úmido, tem apenas duas estações durante o ano: seca e chuva. Antes da invasão portuguesa o território que hoje é conhecido como Guiné-Bissau era povoado por diversos grupos étnicos, cada um destes tem a sua própria cultura, língua, organização social e política, econômica, rituais, religiões, entre outros.

O tema das identidades étnicas, já foi trabalhada por diversos autores citarei alguns deles aqui como: Amílcar Cabral, (1978), Carlos Lopes (1982) Carlos Cardoso (1996), Benedict Anderson (2008), e dezenas de outros autores. Mas, o que eu pretendo é que esta discussão se insere num contexto ou conjuntura de discussões socioantropológica e histórica que discutem temas não só das identidades étnicas, mas das estruturas, do racismo, do esquecimento ou de silenciamento desde debate. Portanto, existem um conjunto de trabalhos e eu estou me inserindo dentro de um campo de pesquisa. Na conjuntura deste debate, reforço o meu interesse, dando oportunidade de propor um trabalho no sentido de contribuir e como forma de registrar uma parte da história que até então, não muito discutida como deveria, muito embora reconhecendo as produções já feitas até então.

Todo debate sobre identidade e etnicidade, é geralmente marcado por giros emotivos e falta de uma clareza conceptual. Como também “a definição de sociedade, tudo o que se relaciona com identidades é susceptível de várias interpretações. Importa-nos provar que existe uma dinâmica permanente na definição de qualquer forma de identidade vista como a *gnosis* que separa um grupo dos que se lhe parecem diferentes num determinado tempo histórico”. (LOPES, 2003, p.45). Neste sentido, o autor fez um diálogo com Amselle e M'Bokolo, onde estes criticam que “não existia nada parecido com

uma etnia durante o período pré-colonial. As etnias derivam apenas da ação do colonizador que, na sua vontade de territorialização o continente africano, fragmentou entidades que foram, elas próprias, seguidamente reapropriadas pelas populações. Nesta perspectiva, a etnia, tal como muitas instituições pretensamente primitivas, não passaria de mais um falso arcaísmo” (LOPES, 2003, p.46 e AMSELLE /M'BOKOLO, 1985, p. 226).

Cinco (5) dias antes de eu sair de Guiné-Bissau, para vir cá, para o Brasil, visitei minha tia, para despedi-la. Lembro-me que, ela me acordou por volta das 03 horas de madrugada e me disse vamos ali. Eu com o rosto de sono, levantei-me, passei água no rosto e acompanhei com ela até um lugar sagrado, onde ela era responsável. Pegou cachaça e começou a falar, justamente para que meus ancestrais me guiem, e me protejam porque em breve deixarei o lugar onde meu umbigo foi enterrado, ela está se referindo Guiné-Bissau obviamente. Lembrando que meus ancestrais de ponto de vista ocidental eles estão mortos, mas no ponto de vista *mancanhã*, que é meu grupo étnico, eles não estão mortos, mas sim viajaram, e a todo momento faz-nos a visita, ou seja, eles não estão conosco de ponto de vista de “carne”, mas de ponto de vista espiritual eles estão ali sempre presente, eu mesmo sinto isso e acredito nisso, que meus ancestrais sempre me visitam; pois essa questão será abordado com mais profundidade por Barreto (2021), quando o autor aborda a questão do espiritismo. Muito embora a tese aborda mais a questão do corpo e a pessoa e das práticas medicinais, isso lembra sobre comer carne ou outros elementos ou comidas etc. Pois bem, a minha tia demonstrou preocupação, e para que meus ancestrais estejam comigo sempre. Daí ela pegou alguma coisa, não sei dizer exatamente o que foi e dobrou-a numa espécie de lençol vermelho e me entregou, e disse: “toda vez que você sai não esqueça de carregá-lo ou levá-lo contigo”.

Ainda dentro desse contexto, já um dia antes de vir para cá, já em Bissau, meu irmão fez quase mesma coisa comigo, de madrugada, me acordou e saímos para fora e me disse “nosso avô disse para lhe entregar isso”. Essa coisa não posso falar o que é, mas posso dizer que é uma coisa que eu carrego comigo até hoje. Lembro-vos que no dia que eu voltar para Guiné-Bissau, antes de entrar na nossa casa, precisarei de complementar meus ancestrais para depois entrar, e essa forma de cumprimentar ou saudar diz respeito a uma oferenda. Exemplo: vou precisar de comprar, uma cabra, ou porco ou mesmo uma galinha, matar demonstrar que estou voltando para casa, assim eles ficarão felizes comigo, e me receberão com braços abertos. Se eu não fizer esse gesto, haverá consequências graves, que pode ser acidente de qualquer tipo e eu tenho noção disso. Logicamente é

uma coisa que será organizado antes de eu chegar, já terão pessoas organizando tudo, mas o fato é não posso pisar na nossa varanda antes de ter feito isso, lembrando que em Bula também será feito a mesma coisa. Estou “relatando” essa questão porque eu tenho esse dever de saber onde eu saí, não posso esquecer das minhas raízes ancestrais e para onde eu quero chegar.

Quando alguém por exemplo, da minha etnia perde essa essência, ela é considerada “morta”; morto no sentido não do corpo, mas de espírito ou alma. Portanto, a nossa identidade precisa ser preservada, porque o que nos faz ser mancanha é justamente preservação da nossa identidade e de nossas tradições. O nosso corpo é vulnerável, por isso precisa de cuidado e proteção, segundo Barreto (2021), aliás isso é um ponto central no seu texto, onde demonstra que o corpo tem sempre uma dimensão vulnerável, ou seja, o corpo sempre está em transformação. Para antropóloga britânica Marilyn Strathern, aqui é uma espécie de reescrever cada relação a partir de outros conceitos ou outras formas ou implicações. O que a minha família estava fazendo é que tudo tem significado. Em certos lugares por exemplo, na nossa aldeia, não pode chegar um estranho e começar a catar manga por exemplo, ou derrubar algum tipo de árvore etc. primeiro tens que pedir permissão e a partir da permissão de alguém indicado para isso, a partir daquele momento sim. Isso também vai de encontro do ensinamento que Barreto trás na tese ao demonstrar que na sua aldeia tudo tem dono, enfatiza que para tirar alguma coisa na mata precisa pedir permissão, folha tem dono, água tem dono. Lembrando que, o que a minha fez tem um significado forte, aquelas palavras tem um significado muito importante, lembrando que ela não me chama de Wilson, mas sim de Djedji, pois esse segundo nome tem um significado, porque na minha etnia quando nasce uma criança, ela/e não é dado qualquer nome, porque a gente entende que nome tem significado, o autor também de uma certa forma aborda essa questão, onde demonstra que na perspectiva indígena, nome tem significado, água tem dono, mata tem dono, ou seja, tudo tem um simbolismo e significado a partir da concepção, ou seja, da cosmovisão indígena. (Barreto, 2021).

Portanto ao sair do meu país atravessando atlântico e chegar até o Brasil, um universo diferente do meu, começando pela cultura e língua. Hora a dificuldade linguística é grande, muito embora na Guiné-Bissau a gente fala português, mas é só nas instituições, por exemplo na escola, ainda assim é pouquíssimo falado. E quando a gente chega num universo onde se fala português desde manhã até a noite daí fica mais complicado. Uma vez, quase fui agredido no meu segundo dia aqui no Brasil, foi na restaurante universitário, eu estava na fila e uma menina chegou e a ideia dela era furar a

fila, eu reagi e disse para ela “você tem que ficar na bicha”, ela começou a me xingar dizendo que “eu não sou prostituta”. Eu fiquei sem entender a reação que ela estava tendo no momento e ela começou a chorar do nada, uma pessoa que estava atrás de mim, me contou que aqui no Brasil, não se diz “bicha, mas sim fila”. Comecei a pedir desculpas, a partir daquele episódio, a universidade teve que fazer uma espécie de palestra para nós e contar algumas coisas, que no Brasil, não pode falar ou expressar alguns termos e que isso, acarreta ofensas. Isso aqui é só um dos exemplos desse choque cultural. Aliás não saberia contar aqui com detalhes as dificuldades linguísticas e toda a discriminação que eu passei durante todo esse tempo aqui nesse país. Mas uma coisa eu sei que escapei de tanta coisa, tendo em conta a proteção que a minha tia e meu avô por intermédio do meu irmão me entregou quando estava saindo do meu país.

O Racismo versus estruturalismo: a etnografia como campo de saber

O debate sobre o Estruturalismo é importantíssimo porque ela tem uma dimensão fundamental que é a linguagem e que, portanto, ela não é só inconsciente. Devo dizer que Lévi-Strauss, por exemplo não está interessado na ação do sujeito, ou seja, ele não está falando sobre o mito, mas sim é ao contrário. O autor mostra que o pensamento Burguês, vai ser guiado pelo simbólico, em outras palavras ele está fazendo uma crítica ao Karl Marx (2014) “o Materialismo Histórico”. Muito embora o materialismo histórico, se apoia no desenvolvimento científico-filosófico anterior, agregando o que eu chamo aqui de “conhecimentos acumulados” pela sociedade, ao mesmo tempo ele rompe com os princípios ou conhecimentos idealistas tanto da história como também sociedade. Pois o que se percebe dessa nova visão de história e da sociedade como um todo é no sentido de que a sociedade está exposta em sua forma mais sistemática por exemplo no livro “A Ideologia Alemã (1845-1846)”.

Em tese, o próprio materialismo histórico aplica o método da dialética materialista à realidade do capitalismo e aquilo que o autor chama de “luta de classes do proletariado”. Contudo, a questão que pode ser colocada para reflexão é porque algumas formas de abordagens da história vêm sofrendo duras críticas não só de antimarxistas, neomarxistas e até dos próprios marxistas, mas de um conjunto de intelectuais nesse âmbito? Pois dentro dessa crítica que Levi-strauss também está fazendo como já havia dito. Tudo é valor de troca, ou seja, tudo é simbólico. Aqui o que podemos perceber é que ele está interessado em pensar a ação do sujeito. Estruturalismo está mais ligado com a ideia de

gramática organizacional, ou seja, a hermenêutica está mais preocupada ou ligada com ideia de ação escrita, ou seja, fala. A contribuição da Lélia Gonzales (2020), nessa discussão é fundamental, porque a meu ver, ela traz elementos importantes e de maneira estrutural ou ordenada. E para mim, ela estrutura seu texto em uma espécie de tópicos subsequentes, como podemos ver nas discussões que se seguem.

O racismo tem raízes profundas e estrutural porque ela se estrutura de diversas maneiras e como é estrutural não adianta só dizer que é um problema estrutural, temos que nos levantar para quebrar essa estrutura, porque são as pessoas que fazem que esse fenômeno seja estrutural. E isso, se estende e é perceptível no campo do saber. E nesse sentido, Lélia Gonzalez (2020) traz e de maneira contundente ao demonstrar a desvalorização dos autores negros, em outras palavras a autora está simplesmente reivindicando aquilo que a gente chama de lugar de fala. A questão do racismo estrutural também é apontada como já demonstrei.

Uma das perguntas que se colocam é: o que é o Brasil? Quais são as condições de democratização no país? O que é ser brasileiro? Quem somos nós? Essas perguntas são importantes, porque partindo do ponto de vista da autora, ela está tentando entender a realidade e quais são as questões importantes nessa época.

Uma das questões também que pode ser levantada é: por que seu texto não era muito lido? A resposta é simples: é justamente por questão do racismo estrutural. Mas essa resposta iremos compreendê-lo de maneira mais clara ou nítida com a contribuição e a discussão proposto pelo intelectual haitiano Michel Troillot, (2016) no seu texto “Silenciando o passado: poder e a produção da história”, porque a meu ver tudo tem uma relação. Mas vamos voltar ainda para discussão anterior, para salientar que esse tipo de pensamento da Lélia, rompe justamente com esse discurso de que tudo está bem. Aqui ela está fazendo uma crítica direta ao Gilberto Freyre no seu livro “casa grande & senzala” (2013). Portanto, seu pensamento, ou seja, suas ideias, quebra esse racismo que está empregado na sociedade brasileira e não só como também em outras partes do mundo. Portanto, o texto é provocativo, e está fazendo uma leitura a partir da psicanálise.

Mas a crítica que (Gonzalez, 2020, p. 43-58) está fazendo de forma contundente ao Gilberto Freyre, é a ideia de negar o problema do racismo no país. “O efeito maior do mito é a crença de que o racismo inexistente em nosso país graças ao processo de miscigenação”. E essa negação do racismo, a autora associa isso diretamente a “neocolonialismo racista da classe governante em meu país, disfarçado de “democracia racial”. A autora está colocando essas questões a partir de uma reflexão dos “aspectos

ideológicos que constituem o plano de fundo das relações Brasil-África, em especial no que tange à África Austral”. Ela demonstra uma fragilidade acerca dos dados estatísticos sobre a população negra no Brasil, demonstrando que “a população afro-brasileira atinge percentagens muito mais elevadas do que as reveladas pelos dados conservadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Por um lado, a noção de democracia racial, e, por outro, a ideologia do branqueamento”. Aqui ela fez todo um esforço de explicar os motivos, causas e consequências, no entender da autora, uma das explicações diz respeito ao trabalho, “desenvolvida por Gilberto Freyre na década de 1930, constitui a visão pública e oficial com relação aos negros”. De acordo com ela, no entender de Freyre “estes são cidadãos como quaisquer outros e, por causa disso, não são submetidos ao preconceito ou à discriminação”. (Gonzalez, 2020, p. 58).

A autora trouxe uns elementos para ilustrar um pouco da questão, o exemplo do carnaval e do futebol brasileiro, demonstrando que se prestássemos atenção perceberemos que isso não passa de uma simulação para negar o problema, ela diz:

O Carnaval e o futebol brasileiros só podem corroborar a noção de democracia racial. Afinal, Pelé é o brasileiro mais famoso do mundo. 3 Entretanto, quando observamos certos “detalhes”, pode-se ver que as coisas não são bem assim. Por exemplo: raramente se veem afro-brasileiros trabalhando em bancos, restaurantes, companhias aéreas, grandes lojas ou outras profissões que exijam contato direto com o público. A seleção racial já pode ser notada em anúncios de emprego que exigem “boa aparência”. Essa expressão, como sabemos muito bem, significa “Não aceitamos negros”. Por esse motivo, afro-brasileiros têm medo de sair de casa sem seu documento de identidade, especialmente sem sua carteira de trabalho; uma pessoa pode ser presa sem motivo, torturada ou simplesmente morta como um “delinquente perigoso”. (Gonzalez, 59-60).

O perigo é justamente esse, quando pega um evento específico como carnaval, onde todos eventualmente se “unem”, ou pelo menos ficam no “mesmo espaço”, nas avenidas aí se diz que tudo está bem, é lembrar que mesmo nesses momentos ainda sim existem um certo distanciamento, muito embora não se verifica de maneira tão escancarada.

O conceito que a autora também trabalha aqui é a de consciência. A consciência como algo que nós estamos encobrindo. Também trabalhar a questão da memória, ou seja, a memória aqui no caso, é o lugar da emergência da verdade, por isso, é importante demonstrar essa outra sacada que ela fez. A consciência aqui para autora é um lugar de

desconhecimento, porque existe um problema que infelizmente muitos acham que não existe. Portanto, a autora demonstra que existe um problema e a única maneira de explicar isso, é através da Neurose. Por isso, ela traz dados de mortes da juventude negra, justamente para embasar e apontar que o problema está ali.

Dentro desta perspectiva de estruturação do seu texto, Lévi-Strauss por exemplo quando ele faz essa discussão ao estrutural o seu texto metodologicamente ele vai dizer por exemplo que, a etnografia é uma metodologia de pesquisa, enquanto a etnologia é uma ciência que analisa os dados coletados pela etnografia. Ambos são abordagens de pesquisa da antropologia cultural e social. Ou seja, a etnografia é uma metodologia de pesquisa qualitativa, constante em estudar e descrever povos, sua língua, religião, etnia e manifestações materiais. Etnologia é um estudo comparativo dos dados etnográficos, da sociedade e da cultura, nela pedia-se que o aluno desenvolvesse uma apresentação etnológica a partir dos dados coletados. Aqui portanto, para o autor

a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos tomados em sua especificidade (muitas vezes escolhidos entre os mais diferentes do nosso, mas por razões teóricas e práticas que nada têm a ver com a natureza da pesquisa), visando a restituição, tão fiel quanto possível, do modo de vida de cada um deles. A etnologia, por sua vez, utiliza de modo comparativo (e com finalidades que haveremos de determinar adiante) os documentos apresentados pela etnografia. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 14).

Só que para Mariza Peirano (2014, p. 378) a etnografia não é método. Disse que chega um certo ponto ela ficou abismada se assim podemos dizer, porque algo havia lhe intrigado, “tudo que nos surpreende, que nos intriga, tudo que estranhemos nos leva a refletir e a imediatamente nos conectar com outras situações semelhantes que conhecemos ou vivemos” e disse

A ideia de “método etnográfico” é complexa. O que eu estava fazendo no posto eleitoral? Simplesmente me cadastrando...? Ou fazendo etnografia? Ou as duas coisas? Desse episódio fica claro que a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar porque alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos. (...). (Peirano, 2014, p. 379).

A discussão e a reflexão que a autora nos faz pensar é justamente demonstrar que

não existe uma técnica específico para o trabalho etnográfico ou de campo. Ou seja, não há uma referenda que embasa que é assim que devemos proceder; obviamente os textos nos ajudam, porque nós da base, nos mostra como um antropólogo deve proceder, isso ela reconhece, mas discorda da ideia de que existe uma técnica para o método etnográfico. Até porque a antropologia desde sempre está se inventando e reinventando, cada um de nós antropólogos, mesmo a gente que está ainda nesse processo de formação, estamos sim reinventando esse campo de saber. Por isso a autora fala que “somos todos inventores”, é justamente isso que faz antropologia diferente das outras áreas de conhecimento. Para autora

Todo antropólogo está, portanto, constantemente reinventando a antropologia; cada pesquisador, repensando a disciplina. E isso desde sempre: de Malinowski encontrando o kula entre os trobriandeses; Evans-Pritchard, a bruxaria entre os azande; Florestan, revendo a guerra tupinambá nos arquivos. Antropólogos hoje, assim como nossos antecessores, sempre tivemos/temos que conceber novas maneiras de pesquisar – o que alguns gostam de nominar “novos métodos etnográficos”. Métodos (etnográficos) podem e serão sempre novos, mas sua natureza, derivada de quem e do que se deseja examinar, é antiga. Somos todos inventores, inovadores. A antropologia é resultado de uma permanente recombinação intelectual. A mudança dos tempos também nos fez alertas para os pecados e as virtudes da antropologia. (Peirano, 2014, p. 381).

Em síntese o que a autora está tentar nos mostrar desde início é justamente a importância do vínculo. Porque o que funda uma boa etnografia é o vínculo e se esse vínculo se for forte, com certeza continuará pelo tempo todo ou vida inteira. A questão é: como que se encontra esse vínculo? Aqui diríamos que é uma questão particular de cada pessoa, ou seja, não existe uma técnica. Obviamente alguns conceitos e leituras podem nos ajudar a pensar o vínculo, mas não existe uma técnica específica para construir isso, o vínculo se constrói a partir do afeto. Ao irmos para o campo, é necessário deixarmos para o campo nos oferecer os elementos que precisamos, não ficar na empolgação ou vontade de escrever ou de dar uma resposta, porque senão termos isso em mente ou essa consciência, poderemos tentar dar uma resposta antecipado.

Em síntese, não vejo isso com bons olhos principalmente para um trabalho antropológico, e de uma certa forma, isso pode-nos fazer adoecer justamente por causa da empolgação de tentar fazer tudo de maneira antecipada. É verdade que o tempo é necessário para construir esse vínculo, muito embora nós antropólogos, muitas vezes, não termos esse tempo suficiente, porque os programas de pós-graduação têm um período

para que os pesquisadores entregassem os resultados de suas pesquisas. Aqui fica uma sugestão tanto para os programas de pós-graduações, como para CAPS e CNPQ, e outros programas de ajuda financeira, pensarem relativamente sobre essa questão, porque esse é um elemento fundamental principalmente para antropologia. Mas com tudo isso, o mais relevante de tudo, em primeiro lugar é participar e para depois escrever.

Neste artigo Lévi-Strauss reúne os artigos que definem seu campo de estudo em contraposição a história a psicanálise e sociologia. Na minha compreensão o autor fez crítica ao funcionalismo, porque essa corrente postula que a sociedade evolua como organismos. Essa abordagem diz respeito tanto para estrutura social, quanto para as funções sociais. Em outras palavras, o funcionalismo é um paradigma científico que busca entender uma sociedade a partir de suas regras de funcionamento e das diferentes funções. Por isso, ele entende o papel do etnógrafo diferentemente de outros antropólogos. Pois ele entende que “o papel do etnógrafo é descrever e analisar as diferenças que aparecem no modo como elas se manifestam nas diversas sociedades, e o do etnólogo, de explicá-las.”. Portanto, fica mais que evidente que ele está fazendo uma crítica ao Malinowski, e no que diz respeito ao sistema casamento, o fato é o interessante para Lévi-Strauss neste pensamento é entender as funções ou funcionamento da sociedade e vai dizer “ora, com efeito, uma disciplina cujo objetivo primeiro, senão o único, é analisar e interpretar as diferenças se poupa de todos os problemas ao se ater apenas às semelhanças”. (Lévi-Strauss, 2008, p. 26-27).

Uma das principais ideias do Lévi-Strauss, é que, segundo o seu entendimento, é possível encontrar em todas as culturas, por mais diferentes que elas sejam algumas estruturas comuns. Ou seja, para o autor existem alguns aspectos comuns que todas as culturas compartilham.

Pois, a grande questão é que essas estruturas que ele está falando em várias sociedades, ela não é tão visível, desse modo portanto, segundo o autor não adianta de eu fazer uma etnografia ir até o lugar e tentar entender as estruturas, porque a estrutura não é evidente é uma estrutura inconsciente, ou seja, é uma representação da espécie mental que trazemos conosco mesmo sem saber.

Para descobrir essa estrutura, de acordo com o pensamento do autor, que de certa forma já nos chama atenção para parte metodológica, ou seja, como faço para estudar e descobrir essa estrutura, segundo o autor precisamos utilizar aquela etnografia que não mais aquela do Malinowski. Em suma etnografia, muito embora faz parte do processo, mas o que o autor está propondo para nós é um estudo etnográfico (etnologia), que não seria

necessariamente ir a uma determinada cultura estudar e descrever sobre ela. É você pegar várias etnografias, esses vários conhecimentos que já tens em inúmeras culturas e comparar esses estudos ou essas culturas e nesse processo os pesquisadores vão conseguir entender essas estruturas que as sociedades compartilham. Aqui cito um exemplo desse estudo que ele está propondo é um estudo que ele fez sobre papai Noel, mas na verdade é um ensaio. “o suplício do papai Noel” ele começa o texto analisando a insurgência católica contra a figura do Papai Noel, lembrando que isso é uma espécie de acusação de desviar o sentido conservador cristão sobre Natal. O autor entende tanto a reverberação da manifestação como também a separação que se seguiu entre concepções, acabara por desfocar o verdadeiro sentido da questão que se coloca, por isso, o autor entende que “não se trata de justificar as razões pelas quais as crianças gostam de Papai Noel, e sim as razões pelas quais os adultos o criaram” (Lévi-Strauss, 2008, p.10)

Papai Noel foi enforcado ontem à tarde nas grades da Catedral de Dijon e queimado publicamente em seu átrio. Essa execução espetacular se realizou na presença de várias centenas de internos de orfanatos. Ela contou com o aval do clero, que condenara Papai Noel como usurpador e herege. Ele foi acusado de paganizar a festa de Natal e de se instalar como um intruso, ocupando um espaço cada vez maior. Censuram no, sobretudo, por ter-se introduzido em todas as escolas públicas, de onde o presépio foi meticulosamente banido. (Lévi-Strauss, 2008, p. 06-07).

Clifford Geertz (2008), no seu trabalho “interpretação das culturas”, vai um pouco nessa linha de discussão, discordando com Lévi-Strauss, no debate que ele estava propondo acerca de funcionalismo, porque os dois autores vão se diferenciar na forma de abordagem. Na verdade, o que Geertz vai propor é uma antropologia interpretativa ou hermenêutica. O autor vai enfatizar que a antropologia é uma ciência interpretativa quer dizer: ele está apostando justamente na etnografia circunscrito. E, nesse ponto de vista, a cultura para Geertz seria teias e significação. Vai demonstrar ao longo da discussão que, o que os antropólogos fazem é interpretação das interpretações é por isso, que ele é um culturalista se assim posso dizer. A etnografia é coleta de dados segundo Lévi-Strauss, mas para Geertz é contrário, porque ele vai defender a ida para o campo. Portanto, aqui fica uma diferenciação deles de maneira evidente.

A que se compreender que tem coisas que a ciência não explica, e nem busca explicar, isso me parece evidente em diversas situações em que até podemos tirar alguns exemplos, senão vejamos; em primeiro lugar se um avião cair, podemos presumir que a sua estrutura não estava boa ou algo na parte mecânica não estava funcionando bem ou

mesmo por conta de algum erro do próprio piloto. A ciência consegue nos explicar o porquê da queda, se foi por causa de alguma avaria técnica ou mesmo falhas elétricas etc., agora o que a ciência não consegue nos explicar é: porque caiu em cima de determinadas pessoas ou num lugar específico, mas a feiticeira consegue nos explicar isso. Ou seja, quando avião cai a ciência consegue nos explicar os motivos da sua queda, através da caixa preta, mas não sabe explicar por que determinadas pessoas estão lá, e porque um outro indivíduo por exemplo não conseguiu pegar o avião, ou seja, atrasou para pegar o voo, a magia consegue explicar isso.

Aqui, preciso só dar só dois exemplos desse tipo de uma maneira rápida desse tipo de situação, na qual permiti que ia retomar a essa questão, pegando a minha própria realidade. Em 2010, eu estava indo visitar minha tia que morava numa outra região da Guiné-Bissau, na qual já me referi acima. Na verdade, é comum que todo ano, nos momentos de férias escolares, as pessoas que vivem no capital, nesses momentos de férias, quando terminam o ano letivo, é comum que as pessoas desloquem de Bissau para interior, ou outras regiões do país, principalmente para quem tem familiares nestas regiões, isso é comum na maioria das famílias na Guiné-Bissau. No meu caso, não foi diferente, aliás, o meu irmão mais velho, sempre nos permitia, ou seja, ele sempre fazia uma certa promessa para nós, em que dizia “quem não reprovasse, ganhará presente para viajar para interior no momento de férias”. Aquilo era como um presente, pois todo “mundo” esforçava para passar de classe, para que no final ganhar esse presente, mas quem não queria viajar por exemplo ele comprava algo, como bicicleta ou algo que a pessoa pedisse. Só que a maioria, desde seus irmãos mais novos, quando falo irmão estou aqui incluindo primos e primas, até os sobrinhos queriam fazer essa viagem, porque ao viajar, tem um simbolismo de que ao chegar na aldeia vai encontrar uma vida mais tranquila, não só para aproveitar todo o ambiente climática, de tranquilidade, frutas abundantes, ir pescar e aproveitar bastante o mar e tudo mais, mas também reencontrar um ambiente mais tranquilo sem muito barulho que se encontra na capital etc.

Só relembro que eu fui criado por minha tia, numa das regiões norte do país chamado *bula*, mas depois tive que voltar para capital Bissau, para terminar meus estudos. Portanto, numa dessas oportunidades, quando passei de classe e que eu ia viajar, ao chegar na ‘paragem’, aqui chama de terminal, fui e comprei ‘bilhete’, que aqui também chama de ‘passagem’, quando cheguei para embarcar, o cobrador me impediu de embarcar, alegando que as vagas já estavam ocupadas, ou seja, o carro não tinha mais espaço, mas na verdade não foi isso, é porque alguém lá dentro de carro, tinha pedido para ele reservar

uma vaga para outra pessoa que ia embarcar no caminho, ou seja, lá na frente. Mas eu desconfiava que algo estava errado e que aquela explicação não me convenceu, porque se o carro estava cheio, porque então me autorizou a comprar bilhete questioneei, só pode ser um trambique, negócio fraudulento ou mesmo trapaça.

Nunca relatei essa história e nem escrevi sobre ela, mas fiz questão de destacar um pouquinho dela aqui neste trabalho, para demonstrar que a ciência não consegue explicação para tudo como o próprio Lévi-Strauss (1989) está tentar nos demonstrar.

Mas enfim, o que eu quero demonstrar com isso? É para dizer que hoje ao lembrar disso, me deixa muito entristecido, mas só para mostrar que existem coisas que só a magia ou outras forças conseguem explicar. Aquele carro, quando saiu em direção a *Bula*, ao atravessar ponte de Jolandim, fez acidente e praticamente todos que estavam lá morreram. Mais uma vez, é triste trazer esse exemplo aqui, mas segundo meus avôs, eu só não fui lá porque meus ancestrais não me deixaram embarcar naquele carro, ou seja, me impediram de embarcar. Em outras palavras a ciência pode conseguir explicar o motivo de acidente, mas não consegue explicar por que eu não embarquei.

Uma outra situação aconteceu neste ano de 2025 no mês de janeiro, o meu tio, irmão mais novo da minha mãe, e seus colegas tropas, ou seja, comandos militares da Guiné-Bissau, foram fazer treinamento numa zona chamada Jolandim, lembra daquela ponte que acabei de me referir abocado? Pois bem, pertinho naquela ponte onde havia ocorrido aquela situação que acabei de narrar. Ali tem um lugar não sei se posso chamá-lo de quartel, mas só sei que tem um lugar onde os militares fazem sempre treinamento, e num desses treinamentos, segundo informações que obtivemos acesso, aconteceu o acidente de granada que explodiu, e matou três pessoas, e diversos feridos, inclusive uma das pessoas que morreu é meu vizinho, que eu chamo de irmãozinho. Porque estudamos juntos e jogávamos bola juntos.

Só que neste dia, que eles iam fazer esse treinamento, segundo o meu tio ele havia atrasado para chegar no local, se não tivesse atrasado, com certeza estaria exatamente no lugar onde aconteceu o ocorrido, até porque diz-me depois que quando estava se aproximando do local do treinamento uns 700 metros do local explodiu a granada. Aqui podemos atribuir o ocorrido pela incompetência do próprio estado, porque até hoje não tomou nenhuma providência para com o que aconteceu, mas também tentar entender o motivo do meu tio ter atrasado para chegar no local de treinamento. Há sim explicações por parte da minha família de que alguém o impediu de estar lá, uns podem não acreditar nessa versão, mas eu sempre acreditei e acredito nessa explicação.

Portanto, são esses dois exemplos que gostaria de trazer aqui. Aliás quem também vai ajudar a explicar essa questão de maneira mais profunda e contundente é o Evans-Pritchard (2005), no seu livro sobre “Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande” Mas o fato é que essa questão é incompreensível para muitas pessoas, não é por acaso que Evans-Pritchard, vai voltar para o cristianismo, porque isso é um choque de realidade, um “baque” e Evans-Pritchard sabe disso.

É nesse ponto de vista que Lévi-Strauss (1989) demonstra que tudo tem que ter utilidade, não menosprezar um pensamento em detrimento do outro. Também Barreto (2021), vai ressaltar enfaticamente essa questão.

No livro “cultura e razão prática e ilhas de história de 1975”. O autor fez essa relação ou aproximação entre cultura e história e, portanto, uma das principais de sua característica é ficar revitalizando as suas teorias e fazendo críticas as próprias teorias e outras teorias em voga, ou seja, uma busca de aconselhar a teoria e a práxis. E principalmente no materialismo histórico, ele tentou isso em algumas análises como também da teoria liberal econômica. É importante ressaltar um ponto, talvez não muito relevante, mas a meu ver necessário, é o fato de que, o autor, vai ficar famoso no meu entender por uma teoria que leva ou prioriza o que seria a razão simbólica em detrimento da razão prática.

O autor tenta entender a economia nas sociedades não ocidentais, ou seja, não capitalistas a partir de uma lógica neo-evolucionista com ênfase na base material, ou seja, pensando no acúmulo material. Nesse primeiro momento fica mais que evidente na sua análise que existisse sociedades desenvolvidas e outras não, em outras palavras é como se houvesse sociedades mais elevadas de que outras, neste momento podemos dizer que ele estava pensando igual os evolucionistas (Tylor, Morgan e Frazer) etc., que acreditavam nessa ideia. Posteriormente ele vai romper com essa visão, e vai buscar uma compreensão principalmente na dimensão cultural, isso significa dizer que, uma nova referencial teórica para entender essas sociedades não ocidentais; a partir deste momento ele vai compreender que a cultura que define as necessidades.

Com tudo, o autor vai migrar para uma discussão, mostrando que o símbolo, ele seria o átomo da cultura, ou seja, o símbolo é o elemento básico a qual se constitui a cultura nesse pensamento. Em outras palavras, o que o autor tenta explicar é o seguinte: por exemplo: nós comemos porco, cabra, galinha, mas é cultura que define quais tipos de comida ou carne são permissíveis para comer ou não. Em outras palavras, o significado

que nós damos para as coisas, é justamente a cultura que os define. O que se percebe aqui é simplesmente uma grande sacada do autor, até porque se formos ver, existem culturas em que comer porco não é “permitida”, pelo menos não com bons olhos, aqui estou me referindo ao islamismo, porque o porco tem um simbolismo específico de ponto de vista islâmica, a ideia é de que no livro mais sagrado que é o alcorão, diz que não é permitido comer carne de porco, ou seja, é considerado impura, e até por questões de saúde.

Em outras palavras, no alcorão de maneira específica deixa claro que, carne de porco é classificada impura aquilo também que eles chamam de “najas”. Portanto, ao consumir carne de porco, no ponto de vista islâmica comprometeria a pureza ritual e isso é uma das leis centrais para manter a pureza e que isso é uma coisa importante para prática islâmica. Aqui é só um exemplo, mas tem vários exemplos que podemos citar. Portanto, percebe-se também que a questão do acúmulo nas sociedades caçadoras. Pois o acúmulo de posses materiais atrapalharia o funcionamento dessa sociedade. Neste sentido, o autor demonstra que o próprio conceito da pobreza não pode ser aplicado nessas culturais ou sociedades. Porque a pobreza, não faz sentido para usá-la ou aplicá-la nessas sociedades tradicionais. Porque aqui a questão não é em busca por acúmulo de capital, segundo Sahlins muito embora essas sociedades têm escassez, mas lembre-se que escassez não é pobreza. (SAHLINS, 2003).

É importante salientar que o totemismo também tem relação com tabus alimentares. Nos Estados Unidos da América, isso tem uma relação com questão racial, vai falar de iFood, em demonstrar que tem grupos que não comem, a não ser que alguém lhes traga ou convida para provar etc. No entanto, o autor vai reforçar a questão do sistema de moda/vestuário na sociedade americana, como já salientamos, demonstrando que tudo isso tem a ver com sistema cultural. Por isso, a leitura e compreensão do Sahlins é diferente por exemplo do Karl Max, porque para Max, (2014) é a luta de classe, enquanto para Sahlins e Pierre Bourdieu por exemplo, o que move a história é a luta de classificação. Quem pode se casar com quem, as vezes se casam se tiver o interesse específico, porque as vezes quando não casa ou se casa com alguém que traga parte do seu grupo, está justamente tirando a pureza. Por isso, ele vai definir o que seria a razão prática, fazendo um debate com Marx, mas de certa forma distanciando de algumas se suas compreensões, por isso ele diz

a razão prática é uma explicação indeterminada da forma cultural; para ser mais que isso, teria que assumir o que pretende explicar – a forma cultural. Mas permita-me um “nervosismo” justificável. Na medida em que isso se aplica ao materialismo histórico, é Marx quem aqui critica

Marx através de uma antropologia posterior. O ponto principal dessas objeções já tinha sido previsto na compreensão de Marx da produção como sendo devotada não simplesmente á reprodução dos produtores, mas também as relações sociais sob as quais ela se dá. (...). (SAHLINS, 2003, p. 168-169).

Trouillot (2016) traz sua preocupação de como que as sociedades vão entender e representar o passado. O autor mostra que a historicidade não é fixa, mas varia de acordo com as relações de poder e as dinâmicas sociais. É por isso, que ele dá exemplo da historicidade da revolução haitiana, demonstrando que tudo depende de quem vai contar a história. Ele mostra que a revolução haitiana vai ser tratado como um evento caótico, mas ao longo do tempo ela passou a ser vista como símbolo da resistência pelos próprios haitianos. Portanto, essa historicidade é uma construção dinâmica de poder. E tem uma outra ideia que Sahlins vai trazer nessa discussão que seria aquele pensamento de que as sociedades tradicionais repetem tudo que as outras gerações faziam, só que esse pensamento é simplesmente uma aberração intelectual para quem pensava e ainda pensa dessa forma. Por isso, Sahlins vai tentar cruzar essas duas dimensões da cultura que é simbólica e a dimensão da história. Daí vai tentar colocar a cultura numa dimensão estrutural, que organiza as lógicas de longo prazo e que a história seria ciência humana que estuda os eventos específicos, ou seja, a conjuntura. Só para lembrar que essa questão de cultura e história vai ficar mais nítido no livro ‘ilhas e história’, portanto publicado também em (2003) principalmente quando ele narra o episódio do capitão Cuque que foi explorar o oceano pacífico e o povo do Havaí. (Sahlins, 2003, Trouillot 2016).

Voltando na discussão anterior sobre questão da estrutura, no texto “cosmologia do capitalismo” (1992), vai discutir a relação entre estrutura e história. A estrutura é mais pensada como algo cultural e ação o que significa que ela é mais pensada no âmbito da história. Portanto, quando Sahlins pensa a história, ele está pensando mais a conjuntura, eventos o que ele vai chamar de estrutura da conjuntura. No meu modo de ver o autor está fazendo um debate decolonial. Portanto, o colonialismo coloniza nossa colonialidade como fala Homi K. Bhabha (1998), no seu texto “o local da cultura”. Por isso ler Fanon, no seu livro “os condenados da terra” ele explora os efeitos psicológicos e sociais da colonização, especialmente no contexto de luta da libertação e pela independência argelina. E ele vai mais longe porque em certo momento vai discutir como a violência colonial molda a identidade do colonizado e isso segundo o autor o leva para alienação e uma busca por identidade nacional autêntica. Ao meu modo de ver é uma espécie de vivenciar a noção de divisão que prefigura, diria até que fende a emergência de um

pensamento “radical” que nunca vem átona sem projetar uma obscuridade incerta. Neste sentido Fanon, na minha compreensão é uma espécie de provador da verdade transgressiva e transicional. O autor, portanto, está demonstrando a ação e reação dos povos colonizados. Porque esse povo são reféns de um processo do colonialismo, ou seja, não podemos só dizer que esse povo está somente colonizado, podemos lembrar que eles têm uma ação. (Sahlins, 1992 e Bhabha, 1998 e Fanon 1968).

Disse ele: *“você jovens hoje em dia, nem consegue mais falar a nossa língua, muito embora, esse mundo nos traz uma coisa boa que é os celulares, a tecnologia etc. Hoje estou conseguindo falar com você, estando no mundo dos brancos, antes eu ficava horas aguardando ligação para falar com o teu pai, quando ele queria falar comigo”*. Aqui se percebe a preocupação dele, com relação ao mundo que estamos hoje, de globalização de novas tecnologias, mas ele tem essa preocupação para que nós os jovens não percam nossa identidade, muito embora reconhece a importância desse mundo globalizado. Em síntese, eu imagino e tenho essa certeza de que a cultura ou estrutura é muito mais forte do que a gente imagina. A cultura pode incorporar as coisas novas que aparecem para se fortalecer, e nesse sentido, tanto Lévi-Strauss como Sahlins estão concordando nesse ponto, porque é justamente isso que os dois autores nos estão a dizer. (SAHLINS, 1992)

Há uma ação ou posição no que ocorre no caso do capitalismo. Os povos se posicionam e há uma ação positiva desses povos. A ideia é mostrar que tudo não está dominado, porque se achar que tudo está dominado, esse discurso acaba favorecendo o dominador. Eu reconheço que o conceito da cultura é complexo, Bhabha, portanto reconhece isso, mas o que Sahlins está tentando por exemplo explicar, é justamente quebrar essa questão de colocar o ocidente em cima de tudo, pois no limite é isso que ele está nos dizer. Portanto, de acordo com o autor a cultura só se permanece porque ela se reinventa, ele muda o termo, mas a ideia é essa e fica evidente nesse quesito, senão vejamos: hoje em dia por exemplo, na minha cultura, se faz oferendas com cerveja, mas antes isso não existia e nem tão pouco permitido. A questão que precisa ficar claro é o seguinte: quando a cultura é colocada em risco, nesse momento que ele se mostra a sua resistência. Em suma Sahlins não está dizendo que os nativos estão reféns da sua cultura é ao contrário.

Diante disso, o autor demonstra que a cultura e estrutura tem uma relação mais direta só que para Lévi-Strauss já não, ou seja, não tem uma relação ou correlação tão

direta. Neste sentido, Sahlins defende que a cultura é um conceito da diferença. Por isso que no meu entender a antropologia é uma disciplina que vai pensar a diferença. É nesse sentido, que Sahlins vai demonstrar que apesar de tudo isso, as diferenças ainda existem e se formos ver de maneira minuciosa, perceberemos que esse debate é quase que implícito hoje na antropologia. E porque então, não se faz esse debate de maneira mais claro possível?

Considerações finais

Este trabalho abordou questões que a meu ver, são importantes para pensar e repensar algumas discussões que me parecem abertas para o diálogo, ou seja, são debates abertos para questionamentos e sugestões. Ao longo do texto, dei algumas pistas e aqui trarei outras considerações, principalmente no que versa sobre questões raciais. Tenho consciência de que fiz uma discussão ampla com autores, como: Gonzalez, Sahlins e Lévi-Strauss, porque os três são uma espécie de guia para construção deste trabalho. O debate sobre estruturalismo e o racismo, me colocando no texto, tecendo algumas experiências que eu tenho vivido na Guiné-Bissau e como de uma certa forma ainda vivo essa experiências, muito embora me encontro fora do território nacional.

É importante lembrar em síntese, que Guiné-Bissau é um país multilíngue e multiétnico, e que esta diversidade étnica certas figuras públicas conseguem aproveitar “brecha”, para incentivar um discurso de divisão étnica religiosa, para seus fins pessoais ou eleitorais, poderei mais explorar esse ponto, mas fica para outra oportunidade. As questões identitárias são complexas, e talvez por esse motivo, a que nos reconhecer que a identidade nacional está em crise em todo planeta, os movimentos nacionais na França, na Alemanha etc. Lembra-se que de acordo com Lévi-Strauss, a identidade é o grau zero da diferença. Abordei também questões do racismo e aqui a crítica que continuo fazendo é demonstrar, através dos dados apresentados pela Gonzalez, por exemplo que com a negação do problema dificilmente chegaremos a um mecanismo para sua resolução. Feito isso, entendo que sim, há uma intencionalidade, ou seja, existe um cálculo, há uma seleção e há uma escolha deliberada e essa escolha tem a ver com o papel do indivíduo no funcionamento do racismo. Ou seja, polícia sabe calcular com quem ele faz e com quem ele não faz.

Os negros nesse país não têm direito nem de correr, de sentar-se numa praça a tarde ou a noite para divertirem. Os negros nesse país não têm direito de ir ao shopping,

sempre é confundido com bandido. O bandido nesse país tem cor. Quando isso acontece os jornais falam do assunto, nas notas de rodapé ou mesmo de forma silenciosa, os promotores e juizes não fazem nada, no máximo “lamentamos”, mas no fundo essa lamentação não é verdadeira. A impunidade quando matam os negros aqui no Brasil, é escancarada. Portanto, se o estado e o país quiserem desenvolver ainda mais, precisa parar de matar a sua juventude, porque eu não vejo nenhum país do mundo que queira o desenvolvimento, aniquilando, assassinando a sua juventude, a juventude é a força motriz para o desenvolvimento. Tudo isso reforça o que os autores como Gonzalez, Fanon e outros já demonstravam em seus textos. (Gonzalez, 2020 e Fanon, 1968 e 2008).

Posto tudo isso, trago então uma proposta que os governos ou o Estado possa seguir, porque esse problema deve ser um projeto de Estado para erradicar esse flagelo. Pois bem, a proposta seria dentro das universidades devem criar a meu ver, instituições de ensino, pesquisa e extensão voltadas para combater o racismo epistêmico. A ideia é ministrar disciplinas obrigatórias em todos os cursos de modo que todos os alunos saiam com pelo menos sabendo como o racismo foi produzido e como enfrentá-lo. Portanto, acho que esse também seria um caminho a ser pensado pelo estado. Porque não adianta criar políticas de maneira que está hoje, jogadas nas escolas e nas universidades, se fala sim de a obrigatoriedade desse tema ser abordado, mas ainda sim, é pouca abordado, até porque nas maiorias das disciplinas é ofertada como optativas, mas o meu ponto é que precisa ser pensada como disciplinas obrigatórias e para todos os cursos, porque é um problema que afeta todos, desde ciências humanas até as exatas.

Referencias bibliográficos

- AMSELLE, Jean-Loup e M'BOKOLO Elikia. Pelos Meandros da Etnia: Etnias, Tribalismo e Estados em África. Edição, Mulemba, Luanda, abril, 2014.
- BARRETO, João Paulo Lima. Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. 2021. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021. 190p
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Interrogando a identidade. p.70-104.
- BOAS, Franz. Antropologia Cultural. 2.ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CABRAL, Amílcar. A arma da teoria: unidade e luta I. 1ª ed. Lisboa: Seara Nova, 1978. p. 234.
- CABRAL, Amílcar. Unidade e luta: a arma da teoria. Vol. I. Lisboa: Seara Nova, 1977.
- FANON, Frantz. Pele Negra Máscaras Brancas. Editora Edufba, Salvador, 2008.

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. Editora Global, ed, 52, São Paulo, 2013.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 1. ed, LTC, Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na Cultura Brasileira. In: Rios, Flávia e Lima, Marcia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro, Zahar, 2020.

KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. 5 edição, Tradução de Manuela Pinto Dos Santos, Lisboa, 2021.

Kopenawa, Davi e Albert, Bruce. A Fumaça de metal. In: ____ A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

LÉVI-STRAUSS. História e Etnologia. In: Antropologia estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O Suplício do Papai Noel. Tradução, Denise Bottmann, São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A ciência do concreto. In: ____ O pensamento selvagem. Campinas: Papirus, 1989.

LOPES, Carlos. Construção de Identidade nos Rios da Guiné e Cabo Verde. Porto, 2003.

LOPES, Carlos. Etnia, Estado e relações de poder na Guiné-Bissau. Lisboa: Artes Gráficas, 1982.

MARX, Karl. O Capital: Crítica da Economia Política. 14ª ed. Civilização Brasileira, Volume III, Rio de Janeiro, 2014.

MORGAN, L. A sociedade antiga. In: CASTRO, Celso (org.) Evolucionismo cultural. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é Método, Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n.42, p.377-391, jun./dez. 2014.

PRITCHARD-EVANS, Edward Evans. Bruxaria, Óráculos e Magia Entre os Azande. Editor Jorge Azar, Rio de Janeiro, 2005.

SAHLINS, Marshall. La Pensée Bourgeoise a sociedade ocidental enquanto cultura? In: Cultura na Prática. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SAHLINS, Marshall. 1992. "Cosmologias do Capitalismo: O Setor Trans-Pacífico do Sistema Mundial". Religião e Sociedade 16-1 e 2.

STRATHENR, Marilyn. O efeito etnográfico e outros ensaios. Editora, cosacnaify, São paulo, s/a.

TROUILLOT, Michel-Rolph. Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História. Editora, huya, Curitiba, 2016.

TYLOR, E. B. A ciência da cultura. In: CASTRO, Celso (org.) Evolucionismo cultural. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

